

Experiências de Acolhimento e Pertencimento no Instituto Baobá: Reflexões sobre Educação, Luta Antirracista e Trajetórias Negras na Pós-Graduação
ODS 4 (Educação de Qualidade)
ODS 10 (Redução das Desigualdades)

Guilherme Augusto Ribeiro (Mestrado em Desenvolvimento Humano-UNITAU)

Profa. Dra. Mirian Cristina de Moura Garrido (Universidade de Taubaté)

Resumo

Este artigo analisa a experiência de participação no Instituto Baobá de Guaratinguetá, articulando vivências pessoais com reflexões teóricas sobre racismo estrutural, decolonialidade e educação antirracista. A primeira aproximação ocorreu durante o I Simpósio de Educação Baobá, em novembro de 2024, ocasião em que apresentei considerações sobre pesquisa de mestrado em desenvolvimento a respeito da permanência de pessoas negras na pós-graduação. Essa experiência, marcada pelo acolhimento em um espaço majoritariamente negro, evidenciou uma boa recepção da proposta científica e favoreceu uma reflexão profunda sobre pertencimento e identidade. Vivências subsequentes, como a participação no desfile cívico de 7 de setembro de 2025 e o retorno a Guaratinguetá como palestrante e docente, reforçaram a relevância do Instituto como espaço de resistência e valorização da cultura afro-brasileira. Concluo, apontando a proximidade da trajetória individual ao debate coletivo sobre acesso, permanência e acolhimento da população negra no ensino superior e em espaços culturais.

Palavras-chave: Instituto Baobá; educação antirracista; pertencimento; pós-graduação.

Introdução

O Instituto Baobá de Guaratinguetá surge como um espaço de resistência, formação e valorização da cultura afro-brasileira, localizado em Guaratinguetá, um município do Vale do Paraíba, espaço que reproduz desigualdades raciais históricas.

Criado em 2022 como coletivo e formalizado em 2024 como Instituto, o Baobá tem como objetivo central promover a educação antirracista, articulando formação, eventos acadêmicos e práticas culturais enraizadas na tradição negra.

Minha experiência com o Instituto iniciou-se em novembro de 2024, durante o I Simpósio de Educação Baobá, quando apresentei considerações sobre projeto de pesquisa que desenvolvo no mestrado. Esse momento representou uma ruptura simbólica com a solidão acadêmica frequentemente vivenciada por estudantes negros na pós-graduação. Este artigo reflete sobre o impacto do Instituto em minha trajetória, conectando-a ao debate sobre racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), decolonialidade (BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016), amefricanidade (GONZALEZ, 1988) e interseccionalidade (CRENSHAW, 1989). O Baobá é compreendido como um espaço pedagógico e político que ressignifica a experiência negra no interior paulista.

O Instituto Baobá: História, Missão e Atividades

Como antecipado, o Instituto Baobá foi fundado em 30 de julho de 2022 como Coletivo Baobá, tornando-se Instituto Baobá Formação e Empreendimentos em agosto de 2024. Sua missão é combater o racismo por meio do letramento racial, promovendo reflexão crítica sobre a negritude em palestras, rodas de conversa, oficinas temáticas e cursos em escolas, universidades e empresas. Em agosto de 2025, recebeu a Certificação e o Prêmio de Ponto de Cultura pelo Estado de São Paulo, reconhecendo sua relevância cultural e educativa. Dentre suas atividades, destacam-se o Curso Baobá de Letramento Racial I e II, com alcance nacional, e os Simpósios de Educação Baobá (2024 e 2025), que reúnem pesquisadores, professores e ativistas para debater práticas pedagógicas antirracistas.

A atuação do Instituto ultrapassa a dimensão pedagógica ao consolidar-se como um espaço de produção de conhecimento coletivo, em que a troca de saberes entre diferentes gerações fortalece vínculos comunitários e fomenta o protagonismo negro em múltiplos campos. Segundo Santos (2020), a valorização de saberes locais e a construção de epistemologias próprias representam um passo essencial para a superação do epistemicídio, processo que historicamente marginaliza conhecimentos

produzidos por populações negras. Nesse sentido, o Baobá não apenas organiza atividades, mas estrutura uma rede de resistência epistêmica que conecta a experiência acadêmica com práticas culturais tradicionais.

Outro ponto de relevância é a forma como o Instituto promove a articulação entre movimentos sociais, fortalecendo as práticas culturais negras de Guaratinguetá e do Vale do Paraíba. Essa articulação evidencia que o combate ao racismo não ocorre apenas por meio de debates acadêmicos, mas também pela valorização das manifestações artísticas que carregam uma dimensão histórica e política (NASCIMENTO, 2008). Assim, o Festival de Cultura Afro-Brasileira do Baobá não deve ser entendido apenas como evento cultural, mas como um espaço de formação crítica e construção identitária coletiva, onde dança, música e artesanato se transformam em pedagogias vivas.

Além disso, o Instituto Baobá demonstra a capacidade de conectar dimensões globais e locais da luta antirracista. Ao mesmo tempo em que dialoga com conceitos internacionais de pedagogia crítica e decolonialidade, mantém enraizamento nas práticas culturais do território em que atua. Essa dupla dimensão dialoga com o que Quijano (2005) denomina de “colonialidade do poder”, uma estrutura que só pode ser confrontada a partir da valorização de identidades e epistemologias marginalizadas. O Baobá, nesse sentido, representa uma experiência concreta de enfrentamento ao racismo estrutural por meio da pedagogia crítica, da cultura e da militância política.

Fundamentação Teórica

O racismo estrutural organiza as instituições e práticas sociais, naturalizando desigualdades e definindo trajetórias (ALMEIDA, 2019). No contexto educacional, isso se manifesta na exclusão e invisibilização de contribuições negras. O Baobá confronta essa lógica ao criar espaços de conscientização e valorização da identidade negra, ressignificando a educação como prática antirracista (CARNEIRO, 2018).

Ao discutir decolonialidade, é importante reconhecer que a hierarquia global de saberes imposta pela modernidade colonial (BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016) ainda persiste nos espaços educacionais, limitando as

possibilidades de reconhecimento das epistemologias negras e indígenas. O Baobá promove uma pedagogia decolonial ao articular saberes acadêmicos e ancestrais, incentivando a interculturalidade crítica (WALSH, 2009). Isso significa construir diálogos horizontais em que a ancestralidade não seja vista como resquício do passado, mas como base de uma ciência situada e transformadora.

A amefricanidade (GONZALEZ, 1988) e o conceito de lugar de fala (RIBEIRO, 2017) são pilares que sustentam a atuação do Baobá. Eles se materializam na centralidade das vozes negras em suas ações, legitimando trajetórias e produções intelectuais frequentemente desconsideradas em espaços acadêmicos. Ao incorporar esses conceitos, o Instituto fortalece a representatividade e cria espaços de autorreconhecimento, em que o pertencimento se converte em prática política e pedagógica.

A interseccionalidade (CRENSHAW, 1989) também se revela fundamental, pois o Baobá reconhece que as opressões não se apresentam de maneira isolada, mas atravessam gênero, raça e classe. Nesse contexto, a liderança de mulheres negras em atividades educativas e culturais não é apenas representativa, mas simbólica de uma luta mais ampla contra múltiplos sistemas de opressão. Como destacam Akotirene (2019), as experiências de mulheres negras são pontos de partida privilegiados para a compreensão de desigualdades sociais.

No âmbito da pós-graduação, o desafio da permanência de estudantes negros vai além do acesso inicial. Obstáculos econômicos, epistemológicos e psicossociais seguem presentes (ANDRADE; DACHÁ, 2019). O Baobá, ao oferecer redes de apoio, atua como espaço de acolhimento simbólico e afetivo que fortalece a resiliência acadêmica. Isso dialoga com o que Mbembe (2017) aponta sobre a necessidade de reinventar os espaços universitários a partir de práticas mais inclusivas, que não apenas abram as portas, mas garantam condições reais de permanência.

Por fim, ao se constituir como território de resistência, o Baobá opera na fronteira entre teoria e prática. Se, por um lado, seu trabalho é fundamentado em referenciais críticos como Almeida (2019), Gonzalez (1988) e Crenshaw (1989), por

outro, sua atuação cotidiana concretiza esses conceitos na vida de estudantes, professores e comunidades. Essa articulação entre teoria e prática mostra que a luta antirracista não pode se restringir ao debate acadêmico, devendo ser vivida, experienciada e multiplicada em espaços coletivos.

Relato de Experiência

Primeiro Simpósio de Educação Baobá (2024)

Apresentar minha dissertação no Simpósio representou um marco em minha trajetória. Pela primeira vez, estive em um espaço majoritariamente negro, no qual minha pesquisa foi recebida com reconhecimento e legitimidade. Essa experiência contrastou vivamente com a solidão e as microagressões cotidianas vivenciadas em espaços acadêmicos tradicionalmente brancos.

Esse evento possibilitou não apenas a validação acadêmica, mas também o fortalecimento da identidade racial. Segundo Munanga (2004), o reconhecimento da própria negritude constitui um elemento essencial na formação do sujeito negro em sociedades estruturadas pelo racismo. Nessa perspectiva, o Simpósio configurou-se como um espaço de acolhimento e de reconstrução subjetiva, reafirmando que a ciência pode — e deve — ser atravessada por afetos e experiências coletivas.

Por meio de um convite formal da coordenação do Mestrado em Desenvolvimento Humano, curso ao qual estou vinculado (2024/2025), fui chamado para expor minha dissertação, que trata da baixa representatividade de pessoas pretas e pardas na pós-graduação. Juntamente com mais três colegas, desloquei-me até Guaratinguetá para participar dessa experiência.

Foi a minha primeira oportunidade de falar em um simpósio — uma vivência inédita, mesmo já exercendo a docência há mais de nove anos. Essa participação representou não apenas um marco acadêmico, mas também um momento de reafirmação pessoal e coletiva. Como lembra Lélia Gonzalez (1988, p. 69), “o racismo à brasileira é um sofisticado sistema de dissimulação que naturaliza desigualdades e silencia sujeitos negros”. Nesse sentido, ocupar o espaço acadêmico e nele inscrever experiências e vozes negras torna-se um ato político de resistência e afirmação.

Outro aspecto relevante foi a percepção de pertencimento intelectual. A possibilidade de dialogar com pesquisadores negros, cujas experiências se aproximam das minhas, gerou um ambiente de troca horizontal. Conforme Gomes (2017), a construção de epistemologias negras depende desses espaços de interlocução, que quebram a lógica da solidão acadêmica e potencializam trajetórias individuais e coletivas.

Por fim, a memória desse evento permanece como referência para minha atuação futura. Ele demonstrou que é possível aliar rigor científico e compromisso social, sem abrir mão da afetividade e da ancestralidade. Essa experiência reforça a ideia de que a pesquisa acadêmica negra carrega em si um compromisso ético-político de transformação social (CARNEIRO, 2018).

O desfile de 7 de setembro de 2025

Participar do desfile cívico representando o Instituto Baobá foi, para mim, muito mais do que integrar uma atividade pública: foi um ato político e de profunda reafirmação pessoal. O convite veio de forma especial, feito diretamente por Mara Céli Cassemiro Azevedo, diretora do Instituto, e me marcou de maneira intensa. Aceitar esse chamado significou retornar à minha cidade natal, Guaratinguetá, carregando como norte as questões antirracistas e a valorização da trajetória preta e parda na construção do nosso país. Esse retorno teve um sabor único: voltar para o lugar de origem não apenas como espectador, mas como alguém que ocupa a rua, a avenida, a história.

Marchar ao lado de outros corpos negros, com faixas que traziam a luta antirracista, foi um gesto de ressignificação. O 7 de setembro, geralmente marcado por narrativas oficiais da independência, ganhou outro sentido — o de mostrar que há outras histórias a serem contadas, outras vozes a serem ouvidas. Foi impossível não remeter a Franz Fanon (2008), que nos lembra que a simples presença do corpo negro em espaços públicos já é um ato político. Estar ali, ocupando a avenida, foi também

reivindicar aquilo que tantas vezes nos tentam negar: o direito de existir com dignidade e memória.

O contraste entre o desfile oficial e a nossa intervenção foi revelador. Como diz Stuart Hall (2003), a identidade cultural é sempre um campo de disputa. E ali, em meio a bandeiras, hinos e símbolos nacionais, abrimos espaço para outro projeto de nação — um projeto que reconhece a luta e a contribuição da população negra.

Essa experiência me fez perceber, mais uma vez, a importância de coletivos e institutos como o Baobá. Não foi apenas um ato cívico, mas uma vivência que me atravessou como pessoa, como educador e como sujeito preto. Mais do que um evento isolado, foi parte de um movimento maior de reinvenção das práticas cívicas a partir da negritude e da resistência (NASCIMENTO, 2008).

Retorno a Guaratinguetá como palestrante e docente

Voltar à minha cidade natal como palestrante foi um momento de reconciliação com minha própria história. Ver jovens negros me olhando com esperança e reconhecimento reforçou o poder da representatividade e do pertencimento.

Essa experiência ecoa o que Ribeiro (2019) denomina de pedagogia da representatividade, segundo a qual a presença de sujeitos negros em posições de destaque funciona como estratégia educativa em si, ampliando horizontes de possibilidade. Nesse sentido, meu retorno não se limitou à partilha de conhecimento, mas constituiu um ato pedagógico de inspiração e legitimação.

O impacto emocional desse reencontro também evidencia a importância do pertencimento territorial. Como aponta Rolnik (2019), a memória urbana e os vínculos com o território moldam a subjetividade e o sentido de identidade coletiva. Voltar a Guaratinguetá representou uma forma de reinscrever minha trajetória em um espaço historicamente marcado pela invisibilidade das vozes negras.

Esse momento também reforçou a potência da amefricanidade (GONZALEZ, 1988), pois demonstrou que as experiências de diáspora e deslocamento podem ser ressignificadas como oportunidades de fortalecimento coletivo. Ao retornar, levei

comigo não apenas títulos acadêmicos, mas sobretudo a possibilidade de transformar minha trajetória em referência para outros jovens.

Vivência em espaços majoritariamente negros

A convivência no Baobá me permitiu experienciar um raro sentimento de acolhimento e comunidade. Esse ambiente foi fundamental para minha saúde mental e resiliência acadêmica, funcionando como um contraponto essencial ao racismo estrutural presente na universidade.

Estudos recentes confirmam a relevância desses espaços. Xavier e Braga (2019) argumentam que comunidades negras organizadas funcionam como espaços de resistência psicológica e cultural, fortalecendo a autoestima e a capacidade de enfrentamento das opressões. A vivência no Baobá confirmou essa análise, permitindo que eu me reconhecesse não apenas como pesquisador, mas também como parte de uma coletividade.

Outro elemento marcante foi a centralidade do afeto nas interações. bell hooks (1994) já destacava que o amor e o cuidado podem ser ferramentas pedagógicas revolucionárias, rompendo com a lógica fria e hierarquizada da academia. O Baobá materializa essa proposta ao transformar encontros em experiências formativas baseadas no acolhimento e na solidariedade.

Essa vivência também revelou que a luta antirracista não é apenas política ou teórica, mas profundamente existencial. Estar em um espaço de maioria negra me mostrou que a coletividade é, ao mesmo tempo, resistência e cura, criando condições para que possamos não apenas sobreviver, mas florescer em meio ao racismo estrutural.

Discussão: Entre o Pessoal e o Coletivo

A experiência no Baobá ilustra como espaços comunitários negros promovem saúde mental e bem-estar ao oferecer acolhimento epistêmico e emocional. Essa vivência contrasta com o ambiente acadêmico tradicional, onde microagressões raciais e solidão são frequentes (XAVIER; BRAGA, 2019).

Esse acolhimento pode ser compreendido como uma forma de “epistemologia do cuidado”, em que o saber é compartilhado em meio à solidariedade e ao afeto. Conforme Collins (2019), a produção intelectual negra sempre esteve vinculada a práticas de cuidado coletivo, em oposição ao individualismo acadêmico hegemônico. O Baobá resgata essa tradição ao transformar a comunidade em espaço pedagógico.

Outro ponto relevante é a articulação entre saúde mental e permanência acadêmica. Souza (2020) demonstra que estudantes negros frequentemente abandonam a pós-graduação em razão da sobrecarga emocional provocada pelo racismo institucional. O Baobá, ao oferecer pertencimento e apoio, atua como fator protetivo, fortalecendo a resiliência individual e coletiva.

O Instituto Baobá demonstra que a luta antirracista deve articular academia e comunidade. Sua atuação fortalece redes de apoio e resistência, essenciais para a permanência de estudantes negros na pós-graduação (TEIXEIRA; CARVALHO, 2020).

Essa articulação rompe com a lógica de uma ciência neutra e universal, mostrando que o conhecimento deve responder a demandas sociais concretas. Como afirma Santos (2007), é necessário construir uma “ecologia de saberes”, em que diferentes formas de conhecimento coexistam em pé de igualdade. O Baobá concretiza essa proposta ao dialogar simultaneamente com pesquisadores e lideranças comunitárias.

Além disso, a atuação em Guaratinguetá mostra que o enfrentamento ao racismo não pode se restringir a grandes centros urbanos. A interiorização da luta antirracista é fundamental para garantir que comunidades periféricas também sejam alcançadas por projetos educativos e culturais, combatendo desigualdades regionais e ampliando a representatividade negra em todo o território nacional.

Ademais, retornar à minha cidade como pesquisador e mestrando simbolizou a conquista de um lugar e de poder. Essa trajetória reflete a potência da amefricanidade e da luta contínua por representação e valorização da cultura negra.

Nesse retorno, tornou-se evidente como a memória coletiva é um campo de disputa. Como lembra Pollak (1989), a memória é socialmente construída e reflete relações de poder. Reivindicar a presença negra em Guaratinguetá é, portanto, uma forma de reescrever a história local, antes marcada pelo silenciamento das trajetórias negras.

A militância nesse contexto assume caráter pedagógico. Ao compartilhar minha pesquisa e minhas vivências, contribuo para que jovens compreendam que a luta antirracista não se limita a discursos, mas pode ser concretizada em práticas cotidianas de ocupação de espaços e afirmação identitária.

Por fim, essa vivência reforçou que a luta em cidades médias como Guaratinguetá possui uma importância estratégica. Ao mesmo tempo em que enfrenta desafios locais, como a ausência de políticas públicas robustas para a juventude negra, também cria exemplos inspiradores que podem ser replicados em outros territórios, ampliando a rede de resistência e transformação.

Considerações Finais

A experiência no Instituto Baobá transcende o individual, projetando-se como marco coletivo na luta antirracista. O Baobá é um território de resistência que promove acolhimento, pertencimento e validação de saberes negros. Sua atuação reconfigura trajetórias ao inscrevê-las em uma luta histórica e coletiva por equidade racial. Minha vivência acadêmica transformou-se em experiência política e pedagógica, reafirmando que a transformação social ocorre não apenas nos textos, mas também nos corpos, nas ruas e nos encontros que constroem futuros possíveis.

Essas considerações indicam que a luta antirracista precisa ser compreendida em múltiplos níveis. Do ponto de vista individual, ela fortalece identidades e trajetórias; no nível coletivo, cria redes de resistência e solidariedade; e, em termos estruturais, aponta para a urgência de políticas públicas mais amplas. Como destaca Almeida (2019), enfrentar o racismo estrutural exige ações que atravessem todas as dimensões da vida social.

O Instituto Baobá demonstra, portanto, que a educação antirracista não é um ideal abstrato, mas uma prática concreta capaz de transformar realidades. Ele mostra que é possível construir uma pedagogia baseada no afeto, na ancestralidade e na resistência, desafiando as hierarquias coloniais ainda presentes na sociedade. Essa experiência, ao mesmo tempo local e global, insere-se em uma longa tradição de luta negra, da qual minha trajetória acadêmica é apenas um fragmento.

Por fim, este relato evidencia que a pesquisa acadêmica não pode se dissociar da vida, da comunidade e da política. O Baobá me ensinou que produzir conhecimento é também um ato de resistência e que o futuro só pode ser construído coletivamente. Assim, reafirmo que a luta antirracista não termina nas páginas da dissertação, mas continua em cada gesto de acolhimento, em cada rede de solidariedade e em cada corpo negro que insiste em existir e resistir.

Referências

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDRADE, C. S.; DACHÁ, M. A. F. Acesso e permanência de estudantes negros na pós-graduação: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, e240036, 2019.
- BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 2018.
- COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CRENSHAW, K. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, N. L. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

- HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- OLIVEIRA, R. P.; COSTA, V. M. Desigualdades raciais no ensino superior: acesso e permanência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, n. 177, p. 784-808, 2020.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- ROLNIK, R. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2019.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2009.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2020.
- TEIXEIRA, M. C. S.; CARVALHO, C. V. Redes de apoio e resistência estudantil negra na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, e250037, 2020.
- WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.
- XAVIER, G. A. S.; BRAGA, M. M. S. C. "Morte por mil cortes": microagressões raciais e saúde mental no ambiente acadêmico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe, p. 82-95, 2019.